



Pafaveras não ditas



you, Window is  
and back of heart beats  
light So I see how  
pursue you and  
to be me Help me please help to be in  
with you keep your with  
and smile with you keep your with  
and a part of our life, with and

□□□□□-□□

# vivências integradoras 04

bloco - processo de trabalho

profa. maria raquel gomes maia pires

autores:

ana beatriz ferreira santos

ana laura gusatto machado

davi guilherme barbosa assunção

gabrielle pinheiro de souza

giovana rodrigues castro seixas

jhully cristina de souza ramos

maria clara peres saloia

rafaella glice vieira goulart

raquel ramos carvalho

editora:

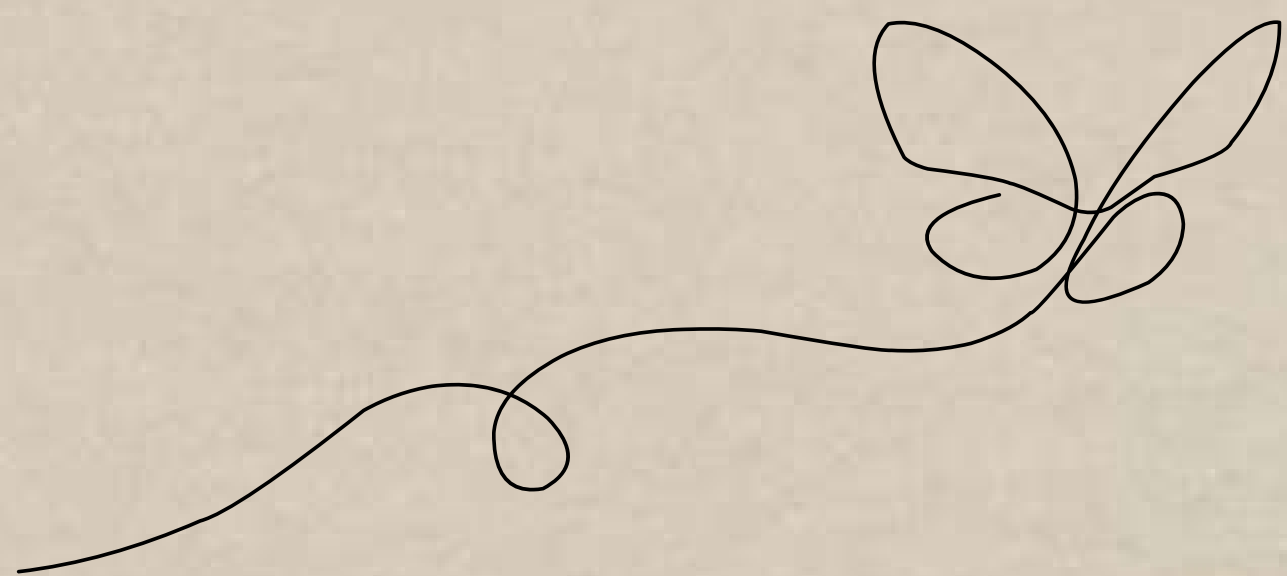
milenna rodrigues sette

Help me please help to  
smile with you keep your with  
rest of our life with love  
be in my hold your hand my  
love dies & your lips saying



# Palavras não ditas

O livro de cartas ilustradas "palavras não ditas" apresenta uma série de textos inspirados na vida da personagem do livro "o peso do pássaro morto", de Aline Lei. O presente trabalho foi desenvolvido por estudantes do curso de enfermagem da UNB para a disciplina "vivências integradoras 4", bloco de processo de trabalho, coordenado pela professora Maria Raquel Gomes Maia Pires. Para tanto, cada aluno escreveu uma carta direcionada a uma faixa etária da personagem do livro, a fim de abrange os dilemas que a cercavam. As cartas possuem pensamentos de pessoas que perpassam pela vida da personagem, assim como pensamentos da mesma. Estas cartas nunca enviadas estão repletas de reflexões sobre a vida, sobre a morte e sobre a complexidade que é viver a vida.

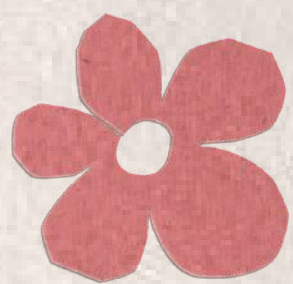




# Pafavras não ditas

- aos 8 - sr. luis ----- 06
- aos 17 - carla ----- 08
- aos 18 ----- 10
- aos 28 - bete ----- 12
- aos 37 - pedro ----- 14
- aos 48 - lucas ----- 16
- aos 49 - mãe ----- 18
- aos 50 ----- 20
- aos 52 ----- 22





limeira, 24 de junho de 1973



há algum tempo que a gente não conversa, né? a dona rosa fez aquele pudim que você gosta, mas você não apareceu por aqui. da última vez, a gente falou sobre a carla, e você parecia estar triste porque eu não pude ajudá-la a ficar melhor. tenho pensado muito nessa conversa, especialmente quando você me perguntou o que é morrer.

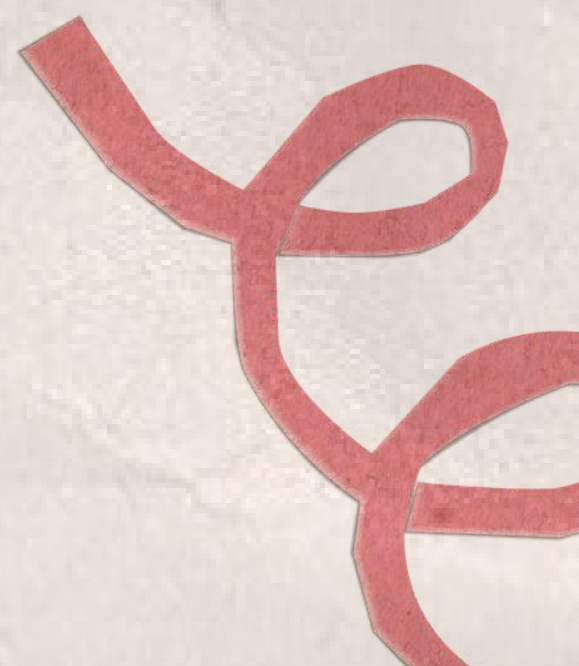
sabe, tem uma coisa chamada borboleta que pode nos ajudar a entender isso, sei que você tem medo mas vamos usá-la como exemplo. a borboleta é como a história da vida e da morte. ela passa por muitas mudanças, como quando uma lagarta se torna uma borboleta com asas coloridas. isso é a vida.

a lagarta, no início, rasteja no chão, como a gente vive aqui na terra. ela come, cresce e tem muitas aventuras. mas, um dia, a lagarta sente que está pronta para algo mágico, algo especial.

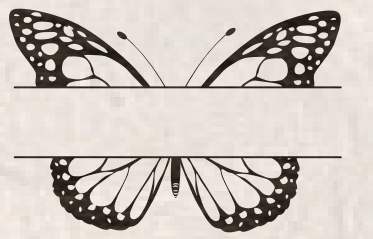
a morte é um pouco como a lagarta indo para seu casulo. é uma transformação, uma mudança. quando as pessoas morrem, elas deixam para trás seus corpos, igual a lagarta deixando sua casquinha antiga. a gente acredita que algo muito especial acontece depois, assim como a lagarta vira uma borboleta. as pessoas dizem que elas podem voar como borboletas, felizes e livres, em um lugar diferente, bem alto nos céus. aposto que a carla é a borboleta mais colorida no céu, você não acha?

então, sabendo o quanto as borboletas são livres e felizes, será que você ainda tem medo delas?

-seu luis







do alto do mundo, 18 de maio de 1982

querida amiga, aqui é a carla.

se eu pudesse, te abraçaria agora mesmo e não soltaria até que se esquecesse de toda essa dor. eu sinto tanto que tenha sofrido isso, estou tão furiosa, enojada, com vontade de gritar. eu odeio ele. na verdade, eu até gostava dele, ou só gostava porque sabia que você gostava dele, mas depois disso, depois do que ele fez, eu quero que ele queime no inferno. ele não tinha esse direito, e é um c\*ão por achar que tinha. não é culpa sua. não é culpa sua. não é culpa sua, está me ouvindo?! você jamais deveria ter sido violada dessa maneira, nada que você fizesse a faria merecer tal atrocidade. amiga, eu sinto muito. queria que pudesse me sentir ao seu lado nesse momento, estou aqui do seu lado. precisa ser forte, precisa de alguma maneira encontrar forças pra se erguer disso, porque você merece uma vida linda, você não pode desistir. já passou por tanta coisa, já superou tantas dores. você consegue. e não se preocupe, ele vai pagar, tudo que fizermos em vida tem seu preço, e ele vai ter que arcar com isso.

sempre ao seu lado, carla.





limeira, 9 de março de 1983

um filho. de quem?

não tem pai nem mãe. disseram que fui eu quem fiz e tenho que cuidar. ah, se eles soubessem que não fiz nada além de ficar estatelada...  
não mudaria nada



então, agora tenho um menino-criança e o rosto é parecido com o de outro menino pior que uma onça. cada vez que olho sinto que to sendo atacada e cada um deles tirou um pouco da minha vida da forma que pôde, mas como pode?

é só uma criança.

de quem é essa criança?

cadê a flor do meu peito? ainda acho que alguém colocou fogo neste campo. não há nada além de cinzas, mágoas e um avião quase caindo.

meu avião não tem mais asas nem cabine, apenas um corpo e 2 assentos: um pra mim e uma cadeirinha infantil. meu avião não tem piloto. meu avião não tem destino. meu avião voa como borboleta. odeio borboletas. meu avião tá pegando fogo desde a hora que decolou, não sei como enfiaram espaço pra uma criança.

de quem é essa criança?

a criança, agora vou chamar de lucas. sou eu que escolho, já que sou a mãe.

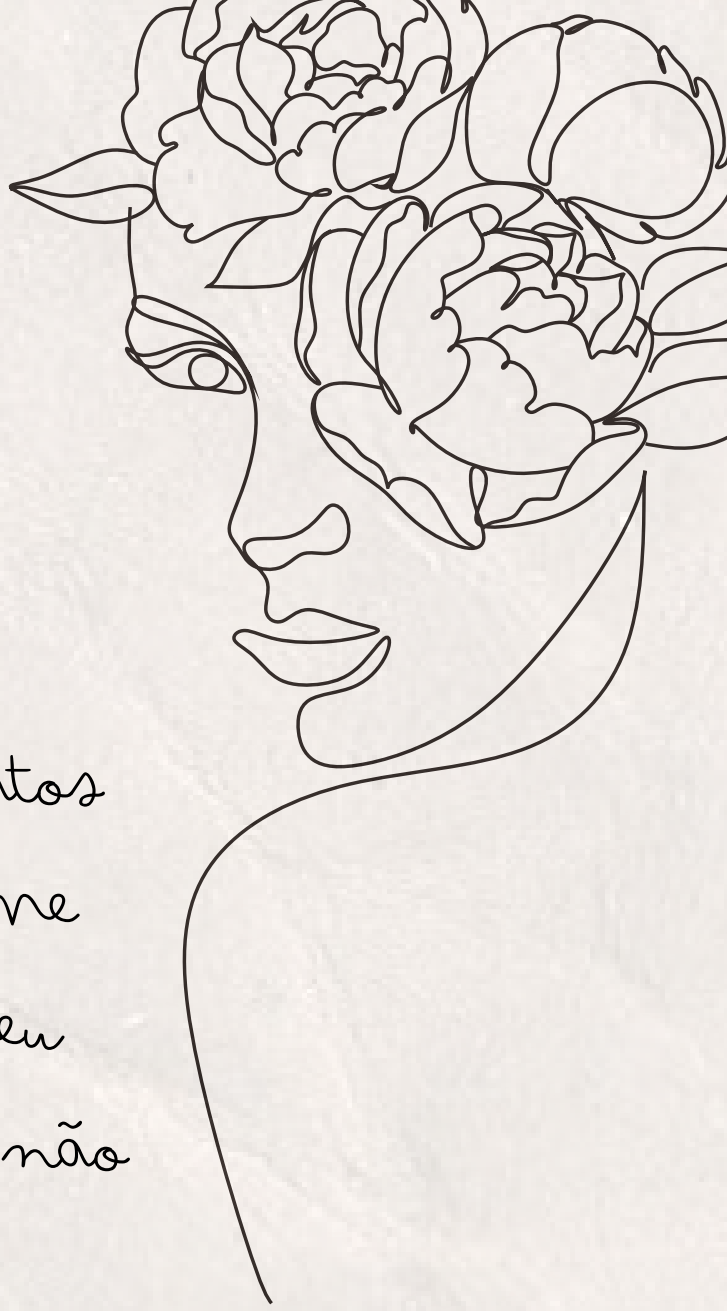
eu sou a mãe.

às vezes consigo transplantar uma flor pra cá depois, ou às vezes minha flor é tipo uma cenoura e eu tenho que esperar crescer antes de ver. tenho que procurar melhor essas coisas de plantas pra ver se arrumo essa tal chamada amor.

que ano horróroso, meu deus, só tenho 18 anos.





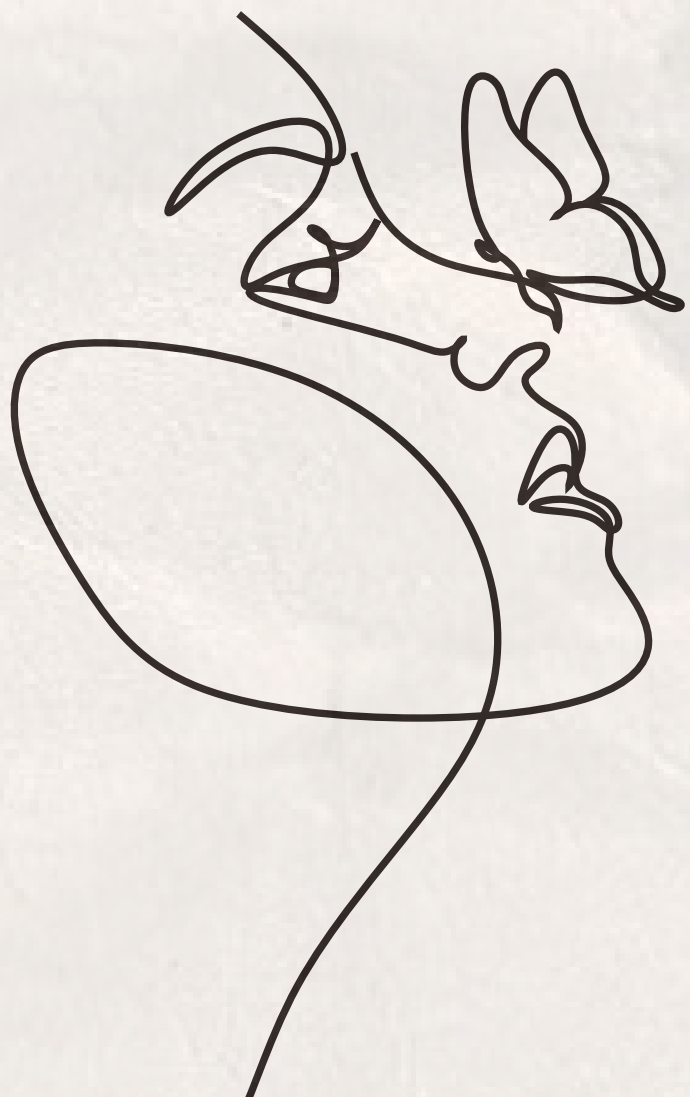


piracicaba, 14 de março de 1993

minhas mãos caledadas estão enrugando com a água da pia. pratos atrás de pratos, mas se não for assim o lucas não come. ele me disse que bolo é sua comida favorita, tento sempre manter do seu agrado, se não for por mim o menino não come. não come, não toma banho,

não estuda, peguei para criar. até que me afeiçoei ao menino. agora já crescendo e ficando esquiso, falando quase como um homem, rabugento e imponente. a senhora quase não fica em casa, ao menos me ajuda na igreja, tomei gosto pela criança e gosto de cuidar dele. mas a senhora não está bem, não é mesmo? já te vi sem palavras comigo, mal conversamos, com o lucas então... nem sabe que o bolo é sua comida preferida. só trabalhar não vai fazer o lucas te amar, o menino sente falta. eu sei que a senhora também. mas pode ser uma fase só. não tenho do que me queixar, só queria saber mais de ti, bolo também é seu doce favorito? o que falta para adoçar sua vida? podíamos ser amigas, mais para tia e sobrinha. moça bonita, tão tristonha no olhar, mas seu coração é bom, doou suas roupas para a igreja e me deixa cuidar do lucas. quero cuidar de você também.

-lete





jundiá, 7 de agosto de 2002

não há céu

ou inferno

não há

a gente é o que fez aqui

bem, mal, bem... mais mal do que bem

eu não me arrependo

não há nada depois daqui

medo de ser punido pelo que eu fiz eu tinha

mas culpa? culpa eu nunca tive e nunca vou ter

culpa é para quem tem moral e moral eu nunca tive

céu e inferno, inferno e céu

não existem

existe é prazer em fazer o que quiser

ser o que quiser

tomar o que quiser

isso eu fiz

e faria de novo

-pedro





nápoles, 27 de julho de 2013

oi, mãe...

não sei exatamente por onde começar, essa já deve ser a quinta ou sexta vez que eu tento escrever algo, colocar pra fora algo que eu sinto. nem sei ao certo se realmente devo lhe enviar isso, mas lembra da nossa dança? aquele momento que eu estava pisando no seu pé sem parar? eu andei pensando...

acho que precisávamos de mais momentos assim. quero dizer, teve algo naquele momento que foi diferente, foi estranho vê-la se expressar daquela forma e você estava certa, devíamos ter nos aproximado mais antes, mas por que isso não aconteceu? você se lembra do dia que eu fui pra surto preto?! não sinto orgulho em dizer que eu estava aliviado em ir embora, sair da sua vida e tudo que eu queria era só ignorar sua existência, me formar e nunca mais olhar pra sua cara.

eu me lembro de você ocupada trabalhando, seu jeito ríspido e frio, eu era um peso pra você? durante a faculdade eu tive algumas conversas com os meus amigos sobre as mães. a realidade das pessoas na faculdade eram bem diferentes, ainda sim todos pareciam ter um carinho enorme pelos momentos com suas mães, ali eu notei que a gente não tinha isso.

não vou jogar toda culpa nas suas costas, afinal eu também fui indiferente, podia ter ido visitá-la ou ter tentado algo, mas não parecia ter brechas e eu tinha medo da sua rejeição, ignorar parecia uma ideia melhor na época.

posteriormente eu lhe chamei, queria que viesse me ver, imaginei que pudesse ser a nossa reconciliação... esse era o momento, ali você poderia ter falado tudo que tinha pra falar. mas tudo que veio foi "eu tenho que trabalhar".

quando eu conheci a joana, ela tinha uma família bem diferente da nossa, era mais estruturada e ela lidava com problemas bem diferentes dos nossos. ela me convenceu a contar pra senhora sobre a gravidez e o casamento, eu estava tentando seguir o plano de "nunca mais olhar pra sua cara", mas no fundo eu queria tentar mais uma vez, tomar a iniciativa. foi bobagem! o clima era muito estranho, e ali você quis finalmente abrir o seu coração. não tive reação se não a antipatia.

agora estamos distantes e eu sinto que será por muito tempo, não que realmente faça alguma diferença, acho que a distância física em si nunca importou, pelo menos agora ela representa a nossa relação.

bom, agora não importa mais, acho que nunca importou de verdade.

não posso dizer que eu te amo mãe, muito menos a odeio, você me sustentou e fez o que pôde, muito mais do que o avômb\*do do meu progenitor, ainda sim não posso dizer que você é minha família, fomos sempre tão distantes... mas eu devo dizer, muito obrigado por tudo, afinal você ainda me criou.

-lucas







limeira, 12 de maio de 2014

olá filha;

escrevo esta carta carregada de sentimentos, reconhecendo a intensidade das cicatrizes que a vida lhe deixou ao longo de 49 anos de jornada. aos 49, deixando os 50, paramos para refletir sobre a vida de uma forma que nos obriga a encarar a profundidade de nossas experiências. é uma idade em que as marcas do tempo se tornam visíveis, mas também é quando nossa sabedoria e maturidade atingem seu auge. me pergunto sobre as escolhas que fiz, os obstáculos que superou e as lições que aprendeu, me desculpe por não ter feito mais por você, lembro-me dos momentos em que segurava sua mão quando criança, e agora vejo que você enfrentou tempestades que nenhum ser humano deveria suportar, batalhas que eu não suportaria. cada cicatriz em sua alma é uma marca da sua incrível coragem e determinação. você é a personificação da resiliência.



a profundidade de envelhecer reside na capacidade de compreender o valor das relações pessoais, da família e da amizade, e isso pra mim também. também é o momento de questionar nossas ambições e metas, avaliar o que realmente importa e encontrar um equilíbrio entre nossos desejos e responsabilidades.

explore sua própria essência depois de tudo que passou e busque significado em sua existência. sei que você já suportou fardos pesados, enfrentou tormentas indelévels e encarou desafios que a maioria não pode nem imaginar. neste momento, quero que saiba que sua força é admirável e que me sinto culpada por tudo que passou, se pudesse voltaria e viveria suas dores por você, hoje eu entendo que isso é ser mãe.

é minha esperança que, mesmo diante das tempestades que já enfrentamos, você encontre momentos de calma e felicidade. seja gentil consigo mesmo, permita-se curar e abraçar a alegria sempre que possível, lembre-se de que tudo passa e um novo ciclo começa com tanta naturalidade que você nem percebe.

lembre-se, mesmo que pense e as vezes pareça, você não está sozinha. sua história é uma tapeçaria de experiências intensas, e embora não possamos mudar o passado, o único orgulho que tenho de mim é perceber e reconhecer como falhei com você e não dei a importância que você tem na minha vida.

escrevo isso carregando o peso do meu arrependimento como um fardo insuportável, pois sei que minhas ações causaram feridas que o tempo nunca poderá curar.

com amor e pesar, sua mãe







piracicaba, 29 de novembro de 2015

mais uma vez o sol invade meu quarto  
e me mostra uma coragem que nunca senti  
me mostrando que o ontem não importa  
e mesmo assim mais um domingo começa.

minha rotina permanece a mesma

e a refeição várias vezes sorinha

tão sorinha que tenho certeza que ensergo sentimentos

preenchendo e escorrendo pelas paredes

talvez minha cabeça esteja brincando comigo mas

não tenho mais medo

nem dos presentes que o vento me traz com orgulho, que

com o tempo aprendi a elogiar

nem dá forma que a escada de madeira range e estrala

nem do quanto está casa é esquisita

nem da vitrola que toca de forma livre

e o fato de que ainda estou viva

de forma estranha...

não me dá medo.





piracicaba, 1 de junho de 2017

eu sinto muito.

sinto por não ter sido o que os outros esperavam que eu fosse.

meu viver foi corrompido e revoltado de passagens dolorosas e significantes.

me ensergo agora, as coisas que deveriam me inspirar me faziam também sangrar.

o extrato da minha vida majoritariamente foi ausência.

me encontrei com pessoas que me entendiam, o afeto que eu tinha era o suficiente,

até ela partir.

não sei se eu souber lidar com a situação, só sei que lidei.

uma parte foi tirada de mim, na verdade, me perdi e acho que me encontrei diversas vezes.

ocasionalmente penso como teriam sido as coisas se eu não tivesse me relacionado com ele,

se eu não tivesse gostado dele,

se eu não tivesse sido tão burra,

se eu não tivesse deixado meus sentimentos falarem por mim,

se eu não tivesse...

não sei se soube lidar com a situação, só sei que

lidei.

o vazio e magnitude do silêncio me ajudou atrapalhou muito.

posso falar que descobri o que era o verdadeiro e puro amor. vento me ensinou o que

era sealar por alguém. alguém que não nasceu de mim, mas que pra mim era

como um filho.

me rendi a vida ultrapassada e cotidiana, enquanto o fruto do meu ventre crescia

invisivelmente bem do meu lado. e agora, na finitude da minha existência, pela

primeira vez sinto a melancolia nostálgica de querer que algo volte.



# Palavras não ditas



"cadê a flor do meu peito? ainda acho que alguém colocou **fogo** neste campo. não há nada além de cinzas, mágoas e um avião quase caindo." - aos 18

